

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LETRAS**

**MEMÓRIA E IDENTIDADE NA OBRA *A ILHA DAS ÁRVORES PERDIDAS*, DE  
ELIF SHAFAK**

**NATÁLIA SANGALI SALVETTI**

**NOVA PRATA**

**2024**

**NATÁLIA SANGALI SALVETTI**

**MEMÓRIA E IDENTIDADE NA OBRA *A ILHA DAS ÁRVORES PERDIDAS*, DE  
ELIF SHAFK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção de título de  
Licenciada em Letras pela Universidade de Caxias  
do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Loff Knapp

**NOVA PRATA**

**2024**

**NATÁLIA SANGALI SALVETTI**

**MEMÓRIA E IDENTIDADE NA OBRA *A ILHA DAS ÁRVORES PERDIDAS*, DE  
ELIF SHAFAK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção de título de  
Licenciada em Letras pela Universidade de Caxias  
do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Loff Knapp

**Banca examinadora**

---

Profa. Dra. Cristina Loff Knapp  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

---

Profa. Dra. Samira Dall Agnol  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

---

Prof. Dr. Márcio Miranda Alves  
Universidade de Caxias do Sul - UCS

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Professora Doutora Cristina Loff Knapp, que guiou-me de forma paciente e carinhosa, além de sempre incentivar e acreditar na continuidade da minha trajetória enquanto pesquisadora, algo que significa muito para mim. Obrigada, Cris, você marcou uma etapa muito importante da minha vida.

Ao meu orientador de iniciação científica durante a graduação, professor Doutor Márcio Miranda Alves, que foi quem apresentou-me aos Estudos Culturais e com quem li e analisei tantas obras de temática migratória e identitária. Obrigada, Márcio, por ter confiado a mim uma parte da sua pesquisa.

Aos meus avós, Cleri e Leonardo, dedico agradecimentos infinitos. Obrigada por sempre terem incentivado-me aos estudos e à leitura. Tornei-me uma leitora voraz, professora e pesquisadora, graças a vocês. Com muito orgulho, sou um pedacinho de vocês dois. Obrigada por tudo.

Ao Artur, que mesmo em meio aos momentos de dificuldade e incerteza, foi o meu maior alicerce, sempre lembrando-me do meu valor e incentivando-me quando mais precisei. Não há palavras que alcancem a minha gratidão por ter você comigo em mais uma etapa. Obrigada por tudo, sempre.

Aos professores do curso de Letras, por sempre terem feito das aulas um espaço de provocações e descobertas. Agradeço por terem compartilhado seus conhecimentos e contribuído para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

A todos que estiveram comigo e, de alguma maneira, contribuíram para a realização desta pesquisa. Muito obrigada!

*A identidade é formada na intersecção entre quem nós somos  
e quem nós nos tornamos; ela é um processo contínuo de  
deslocamento e adaptação.*

**Stuart Hall**

## RESUMO

Este estudo analisa, na obra *A Ilha das Árvores Perdidas*, da escritora turco-britânica Elif Shafak, como as memórias, tanto individuais quanto coletivas, atuam na construção da identidade cultural das personagens, especialmente da protagonista, a jovem Ada que, por muito tempo, foi privada do seu passado familiar. Para tais fins, o objetivo principal centra-se na investigação dos efeitos das memórias pessoais e coletivas e seu papel na construção de identidades, com ênfase na identidade cultural. Especificamente, examina-se o contexto migratório, buscando compreender como é articulada a trajetória das mulheres na obra, além dos impactos da migração em suas vidas. Na sequência, estuda-se o processo de construção de identidades culturais, enfatizando a importância da memória nesse processo. Por fim, analisa-se o papel simbólico da natureza na experiência de vida das personagens, propondo uma reconciliação com o passado em relação ao enredo. Dentre os autores utilizados, fazem parte do aporte teórico Hall (2003, 2006, 2016), Pollak (1992), Woodward (2014), Cuche (1999), Bhabha (1998), Candau (2011) e Le Goff (1996). Os resultados obtidos permitem considerar que a depender do contexto e da geração, as respostas aos deslocamentos são divergentes, além de que a memória é essencial na constituição de identidade, uma vez que os conceitos estão intimamente ligados ao refletir acerca do sujeito social, já que as lembranças garantem às futuras gerações o conhecimento de suas raízes.

**Palavras-chave:** Memória. Migração. Identidade cultural.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2 ENTENDENDO O CONTEXTO MIGRATÓRIO</b>	<b>12</b>
2.1 Trajetória das mulheres na obra	13
2.2 Impactos da migração na vida das personagens	17
<b>3 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS</b>	<b>21</b>
3.1 Identidade e diferença no percurso da protagonista	22
3.2 Memória e construção de identidade	25
<b>4 RECONCILIAÇÃO COM O PASSADO</b>	<b>29</b>
4.1 A natureza como repositório de memórias	30
4.2 Metamorfose da protagonista	33
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a literatura contemporânea tem se mostrado um espaço fértil para a exploração de temas relacionados à memória e à imigração, especialmente no que tange a constituição de identidades nesse âmbito. A obra *A Ilha das Árvores Perdidas*, da escritora turco-britânica Elif Shafak, destaca-se nesse contexto ao abordar a interseção entre as memórias pessoais e coletivas, os processos de imigração vivenciados por suas personagens e como isso se relaciona com a identidade. Shafak, conhecida por sua habilidade em tecer narrativas que dialogam com a história e a cultura, oferece um panorama complexo e sensível sobre as experiências de indivíduos que, ao migrarem, carregam consigo as lembranças de suas origens e enfrentam os desafios de construir novas identidades em territórios estrangeiros. Nesse sentido, a obra em questão se torna valiosa para a análise crítica na literatura contemporânea. Além do mais, Shafak, entre seus dezenove livros publicados, também combina tradições orientais e ocidentais em suas produções literárias engajadas, enfatizando as mulheres imigrantes, minorias, subculturas e jovens. Ela é vice-presidente do *Royal Society of Literature* e foi considerada, pela *BBC*, uma das mulheres mais influentes e inspiradoras na defesa dos direitos das mulheres, da liberdade de expressão e da população LGBTQIA+. Portanto, esse enredo multifacetado agrega ao debate científico ao transcender fronteiras geográficas e temporais, abrangendo a Turquia do século XVI até a contemporaneidade; além de valorizar a trajetória de Shafak como escritora, ativista ecofeminista e defensora dos direitos humanos.

Enquanto pesquisadora, o meu encontro com as temáticas migratórias e identitárias ocorreu na iniciação científica durante a graduação. Pesquisando romances contemporâneos dentro desse assunto, *A Ilha das Árvores Perdidas* revelou-se uma narrativa que incorpora todas as questões de interesse e ainda é pouco explorada academicamente. Uma breve pesquisa no levantamento de dados no sistema da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior), na busca por artigos, dissertações e teses sobre o tema desse projeto, comprovou que estudos e análises da produção literária de Elif Shafak, tanto da obra em questão quanto de outras, são escassos no país. No catálogo de teses e dissertações do sistema, a nível nacional, não há produções diretamente

relacionadas a essa obra que abordem a temática migratória e memorialística e, tampouco, a relevância das memórias em relação à construção de identidades.

Sob essa ótica, neste trabalho de conclusão de curso é proposta como problemática principal uma análise de como as memórias, tanto individuais quanto coletivas, atuam na construção da identidade cultural das personagens, especialmente da protagonista que, por muito tempo, foi privada do seu passado familiar. Assim, o objetivo principal foi investigar os efeitos das memórias pessoais e coletivas e seu papel na construção de identidades, com ênfase na identidade cultural. Especificamente, ao investigar o contexto migratório, busca-se compreender como é articulada a trajetória das mulheres na obra, além dos impactos da migração em suas vidas. Além disso, descrevendo o processo de construção de identidades culturais, é enfatizada a importância da memória nesse processo. Por fim, propondo uma reconciliação com o passado em relação ao enredo, é analisado também o papel simbólico da natureza na experiência de vida das personagens.

*A Ilha das Árvores Perdidas* inicia com Ada, uma adolescente introspectiva e solitária que, embora nascida e criada na Inglaterra, parece não caber naquele lugar e sente algo maior do que si mesma, como se fosse uma raiva que vem de outro lugar e de outro tempo. Enquanto “Ada” significa “ilha”, em turco, Defne, sua mãe, tem o nome da náiade que é perseguida por Apolo contra a sua vontade e, para não ceder às investidas, se vê transformada em uma árvore – assim como, depois de morta, Defne é projetada por seu marido enlutado na figura da Figueira narradora-personagem. A partir disso, as lentes da memória (não apenas comum e pessoal, mas também a memória coletiva, histórica e cultural) são adotadas para a trama do livro. Toda a história é comentada pela centenária Figueira, que foi trazida do Chipre pelos pais de Ada e, embora tenha se adaptado ao inverno londrino, quem ela é estará eternamente ligado à pequena ilha do Mediterrâneo que, há décadas, é disputada entre gregos e turcos.

Os guardiões da figueira são Kostas e Defne, namorados de adolescência que conheceram e enfrentaram um mundo carregado de hostilidade, em que gregos e turcos não podiam coexistir. Nesse sentido, a história de amor dos pais em tempos de violência é o que Ada busca desvendar, mas que eles escolheram ocultar, imaginando que essas memórias não fossem afetar a vida da filha. Em uma narrativa cativante, a autora transporta o leitor entre uma ilha paradisíaca e um “ordinário” quintal londrino – o passado e o presente. O livro enfatiza as reflexões de

Ada acerca do passado de seus pais, além de trazer ideias de cunho mais teórico acerca da transmissão de memórias e identidades culturais. Dessa forma, Ada, assim como sua mãe arqueóloga, “escava” o passado para tentar curar feridas e assim desenvolver quem ela é e quem pode vir a ser. A perspectiva memorialística é muito pautada nessa história, principalmente sob o olhar da mulher. Primeiramente, Defne, que procurou transgredir àquelas imposições sociais de sua época; depois, sua irmã Meryem que, ao contrário, optou por sucumbir às tradições mas de maneira equilibrada e, finalmente, a jovem Ada que, embora não tenha vivido o que os pais viveram, carrega consigo uma memória ancestral que é incômoda enquanto se mantém às sombras até que possa, finalmente, ter conhecimento da história de sua família e reformular sua identidade.

Além disso, a emigração dos pais da menina do Chipre à Londres foi um acontecimento que deixou marcas permanentes. Embora já adaptados ao clima e à cultura local, eram frequentemente hostilizados pelos cidadãos londrinos, e as memórias de sua terra natal sempre vinham à tona. Porém, o amor do jovem casal não teria tido forças para existir se não houvessem migrado, devido aos conflitos étnico-religiosos da época. A Figueira, a natureza e as borboletas surgem nessa história para dar um tom de impessoalidade à narração e um toque de realismo mágico, deslocando o olhar dos acontecimentos dos seres humanos e dando voz a outros seres que testemunharam todos os acontecimentos históricos da humanidade. Nesse romance fronteiro, um símbolo que frequentemente se repete é o da borboleta, que é um ícone universal da metamorfose. Quando são relatadas viajando em bandos na história, remetem à metáfora da migração; quando uma nuvem delas “pausa” a barbárie da guerra em andamento em uma passagem do livro, surgem como promessa de esperança. A analogia mais impactante, no entanto, é a das borboletas que carregam seus esqueletos do lado de fora do corpo, assim como o próprio Chipre, que por muitos anos escavou à procura de sinais de entes queridos e familiares desaparecidos. Portanto, *A Ilha das Árvores Perdidas* é a história de um amor impossível, em que a xenofobia delimita com quem é possível ou não se relacionar. É também um livro sobre identidade, perda, trauma e busca pela construção de uma memória do passado.

Sendo assim, o segundo capítulo abordará o contexto migratório na obra, com o objetivo de compreender quais são as motivações para migrar e como isso ocorreu nas circunstâncias da narrativa em questão. Além disso, também tratará da

trajetória das mulheres na narrativa, que possuem um papel importante na manutenção e resgate de memórias. Já no terceiro capítulo, a construção de identidades culturais e a importância das memórias para esse processo serão estudadas, de forma a compreender como se originou a crise de identidade da protagonista. Por fim, o capítulo quatro propõe uma reconciliação com o passado ao realizar uma análise das representações memorialísticas por parte de Kostas, Defne, a Figueira e a jovem Ada, que inicia uma nova trajetória ao esclarecer muitas questões silenciadas do passado.

## 2 ENTENDENDO O CONTEXTO MIGRATÓRIO

[...] *O ciclo do pertencimento e do exílio. Era a velha questão: partir ou ficar [...].*

**Elif Shafak**

Este capítulo abordará o contexto migratório na obra *A Ilha das Árvores Perdidas*, de Elif Shafak, com o objetivo de compreender quais são as motivações para migrar e como isso ocorreu nas circunstâncias da narrativa em questão.

A definição de migração ou diáspora, segundo Stuart Hall (2016), está relacionada a comunidades dispersas que se formam pelo mundo quando um povo é expulso de sua terra natal, e algumas razões que podem motivar a migração forçada são a escravização, colonização, pobreza, subdesenvolvimento e perseguições políticas e religiosas. No caso da obra em questão, a migração do casal Kostas e Defne do Chipre à Inglaterra (protagonistas dos trechos no passado), ocorreu por razões políticas e pelo advento da guerra no Chipre. Naquele momento, a ilha na década de 1970 vivia uma situação de fragmentação política, religiosa e étnica entre gregos cristãos ao sul e turcos muçulmanos no norte; por esse motivo, a mudança se impôs como uma necessidade para a vida a dois - Kostas partiu primeiro e, tempos depois, reencontrou Defne. Em relação à guerra, a personagem-narradora Figueira expõe o seguinte:

[...] Jovens presos em uma zona de conflito, aprisionados em uma ilha cujos idiomas não falavam, assim como não compreendiam as sutilezas do cenário político; soldados cumprindo ordens, sabendo que um deles poderia não estar vivo no dia seguinte (Shafak, 2020, p. 89 ).

Entretanto, essa emigração dos pais de Ada do Chipre à Londres foi um acontecimento que deixou marcas permanentes pois, embora já adaptados ao clima e à cultura local, eram frequentemente hostilizados pelos cidadãos londrinos e as memórias de sua terra natal sempre vinham à tona. Esse sentimento de dualidade vai ao encontro dos estudos de Hall (2016), quando argumenta que na situação da migração ou diáspora, as identidades se tornam múltiplas, porque embora ainda haja a identificação com a sua terra natal, também há a adaptação ao novo local; dando origem ao que ele denomina de *identificação associativa*:

A cultura de origem permanece forte, mesmo na segunda ou terceira geração, embora os locais de origem não sejam mais a única fonte de identificação (Hall, 2016, p. 26).

Sob essa perspectiva, a compreensão do contexto migratório e dos movimentos que ele traz consigo é essencial para compreender a trajetória das mulheres nessa obra, a saber: Defne, Meryem e Ada, que ressignificaram suas identidades em diferentes contextos e lidaram com a migração de formas diferentes. A primeira, escolheu ocultar o seu passado doloroso por proteção à filha; a segunda, atuou como um elo entre dois mundos, enquanto a terceira, da geração mais nova, buscava respostas acerca do seu passado familiar. Sob essa perspectiva, a próxima seção será uma análise da trajetória das figuras femininas e quais são seus papéis na narrativa em questão e, por conseguinte, serão abordadas as consequências da experiência migratória para as personagens principais, enfatizando como são diversas de acordo com a geração que a vivencia.

## **2.1 Trajetória das mulheres na obra**

Na referida obra, as mulheres possuem um papel importante na manutenção de memórias que se manifestam como um tesouro a ser zelado. Ada, no auge de sua adolescência, sentia falta de conhecer suas origens e seus antepassados; por isso, as memórias entre gerações manifestavam-se em diversos âmbitos de sua personalidade, inclusive na questão de firmar raízes em Londres, enquanto ainda gostaria de conhecer a terra natal de seus pais, o Chipre. A ocasião de toda essa busca foi motivada por um trabalho escolar de férias, em que no retorno às aulas, a turma da jovem estudaria sobre migrações e mudanças geracionais. A partir disso, a professora solicitou que fossem entrevistados parentes mais velhos, questionando como eram as coisas quando eles eram jovens e respaldando sua escrita em fatos históricos; além de verificar a existência de alguma relíquia familiar que pudesse ser compartilhada. Dessa situação em diante, os questionamentos de Ada tornaram-se cada vez mais profundos:

Ada baixou o olhar. Não conhecia nenhum membro da família, nem por parte de pai nem por parte de mãe. Sabia que eles viviam em alguma parte do Chipre, mas isso era tudo. Que tipo de pessoas eram? Como passavam os dias? Será que a reconheceriam se cruzassem com ela na rua ou esbarrassem no supermercado? [...] Se seus parentes permaneciam um mistério, o Chipre era um mistério ainda maior (Shafak, 2020, p. 22-23).

Por conseguinte, conforme ia crescendo, toda vez que a jovem se questionava o porquê ainda não tinham ido ao Chipre parece conhecer os seus parentes, ou porque ninguém da família tinha vindo à Inglaterra visitá-los, seus pais

davam uma série de desculpas, sempre ocultando a verdade e desviando de seus questionamentos. A realidade é que naquela circunstância, na sala de aula, Ada e seu pai ainda viviam o processo de luto pela perda de Defne; e é nesse momento, também, que as borboletas surgem na história pela primeira vez, durante a explicação do trabalho pela professora. Ada desenhava borboletas até que foi questionada pela professora e, a partir desse momento, sua relação com a escola, com o passado e com o seu pai se alteraram significativamente: paralisada, ela soltou um grito longo e doloroso, que estava preso nela há tempos.

Tudo muda com a presença da irmã de sua mãe, Meryem. Ela atuou como um elo entre a memória e o tempo na trajetória das mulheres do enredo. A visita da tia estava relacionada à morte de sua mãe; ela explica que, enquanto seus pais estivessem vivos, não veria Defne, Kostas ou Ada, em razão dos conflitos familiares. A adolescente expressou à tia o desejo de saber tudo sobre o passado da família, ao que a tia respondia com frequência:

[...] Mas ninguém sabe tudo. Nem eu, nem seu pai... Só sabemos pedaços, cada um de nós, e às vezes os seus pedaços não se encaixam nos meus e então de que adianta falar do passado, só acaba magoando todo mundo. Você sabe o que dizem, mantenha a língua prisioneira na boca. A sabedoria consiste em dez partes: nove de silêncio, uma de palavras (Shafak, 2020, p. 109).

Além disso, a tia traz à tona constantemente superstições, histórias, magias e outras crenças quando visita a sobrinha. Todas essas questões, à primeira vista, poderiam ser consideradas irracionalidades, mas isso se torna uma conexão fundamental na vida de Ada, já que a tia estabeleceu uma conexão com um passado até então desconhecido pela adolescente, que tanto buscava descobrir. Nesse mesmo diálogo, a adolescente rebate:

Discordo. Devemos sempre falar, não importa o que aconteça. Não entendo do que vocês têm tanto medo. E, além disso, eu tenho lido sobre o assunto por conta própria. Sei que havia muita hostilidade e violência entre gregos e turcos. Os britânicos também estavam envolvidos, não podemos negar o colonialismo. É óbvio. Não entendo por que meu pai faz tanto mistério, como se tudo isso fosse algum tipo de segredo. Ele parece que não sabe que está tudo na internet. As pessoas da minha idade não têm medo de fazer perguntas. O mundo mudou (Shafak, 2020, p. 109).

À vista disso, é nítido que, se na perspectiva de Hall (2016), a *identificação associativa* ocorre quando a cultura de origem permanece forte no indivíduo, mesmo que já não seja sua única fonte de identificação; para a menina, havia a carência de entendimento do que era, de fato, o seu “berço” para depois reformular sua identidade pessoal e cultural e poder se identificar verdadeiramente com algo.

Com todas essas descobertas em curso, Maryem também revelou o que sentiu na época da fuga de Defne e Kostas; ela permaneceu no Chipre e vivenciou todos os episódios da guerra. Mesmo sabendo da situação da irmã, não teve escolha em relação à forma que deveria agir.

De onde eu venho, aos dezessete anos você já está preparando o seu dote. Aos dezoito está na cozinha fazendo café porque seu futuro marido está na sala de estar com os pais dele, pedindo sua mão em casamento. Aos dezenove está servindo o jantar da sua sogra, e se queimar a comida, leva uma bronca (Shafak, 2020, p. 128).

Sob essa perspectiva, Maryem reconhece a coragem de Defne e a descreve como um “espírito livre”, mas que sofreu consequências pela personalidade da irmã e pelas pressões sociais e familiares.

[...] Passei a vida arrumando a bagunça deixada pela minha irmã, pelo meu marido, pelos meus pais. Até quando íamos a um restaurante, limpava a mesa para que o garçom não pensasse mal de nós. Porque é *ayip*. Você conhece essa palavra? Significa “vergonha”. É a palavra da minha vida. Não use saias curtas. Sente-se com as pernas juntas. Não ria alto. Meninas não fazem isso. Meninas não fazem aquilo. É *ayip*. Sempre mantive tudo limpo e organizado, mas nos últimos tempos alguma coisa mudou. Não quero limpar mais. Simplesmente não me dou ao trabalho (Shafak, 2020, p. 116).

Nesse momento, Ada revela à tia que entendia a doença que acometeu sua mãe, o alcoolismo; no entanto, Meryem nega essa palavra e qualquer referência à irmã.

Ada viu pela primeira vez a fragilidade do universo que aquela mulher havia construído para si mesma, com as receitas, provérbios, orações e superstições. E ocorreu-lhe que talvez ela não fosse a única que sabia tão pouco sobre o passado (Shafak, 2020, p. 130).

Por fim, em relação à Defne, a narrativa evidencia o motivo que a levou a encobrir o seu passado e suas memórias familiares: o contexto repressor em que ele ocorreu. Quando migrou com Kostas após um tempo de separação, as circunstâncias a colocaram frente a uma Londres marcada pela confluência de imigrantes e refugiados espalhados pelo mundo, cada qual carregando as cicatrizes de suas migrações. À vista disso, nos estudos de Stuart Hall (2016), ele aborda o conceito de *promessa de retorno*, que pode ser entendido como o sentimento que permeava a vida do jovem casal no momento da mudança de vida. Toda migração ou diáspora carrega consigo a promessa de retorno, assim como as marcas das histórias individuais que se fundem com outras culturas; podendo reconfigurar a noção de identidade cultural (Hall, 2016). Entretanto, mesmo tendo essa promessa em vista, para Defne, foi difícil conviver com os traumas do passado - que a levaram, inclusive, a uma depressão severa. Dessa forma, compartilhar as memórias de sua

trajetória de vida seria, para ela, contaminar a filha com dores e sofrimentos que não eram seus.

Ela é uma menina britânica. Nunca esteve no Chipre [...]. Por que sobrecarregar nossos filhos com nosso passado, ou com a bagunça que fizemos dele? Esta é uma nova geração. Uma página em branco. Não quero que ela se angustie com uma história que não causou nada além de dor e desconfiança (Shafak, 2020, p. 74).

Nesse fragmento, Defne expressa sua preocupação com o sofrimento emocional de Ada, desejando protegê-la de uma “angústia” que poderia surgir ao conhecer a história familiar e os eventos traumáticos vivenciados pelo casal. No entanto, esse silenciamento, apesar de bem-intencionado, com o objetivo de proporcionar à filha a criação de uma identidade desvinculada do passado, acaba criando uma lacuna maior entre a menina e sua família. Na página 69, a Figueira narradora-personagem relembra o seguinte:

Certa vez, ouvi Defne dizer a Kostas: “Pessoas que vêm de ilhas turbulentas nunca podem ser normais. Podemos fingir, podemos até fazer um progresso incrível, mas nunca aprenderemos de fato a nos sentir seguros. O solo que para os outros parece duro como pedra são águas agitadas para os da nossa espécie (Shafak, 2020).

Essa passagem proporciona a compreensão de parte do que Defne sentia em relação ao seu passado e as suas vivências enquanto turca-muçulmana vivendo no Chipre. O seu passado se tornou um fardo tão pesado que a levou à depressão e ao alcoolismo. Esse desfecho deve-se, principalmente, pelo fato de ter trabalhado como arqueóloga na ilha, liderando equipes de escavação em busca de desaparecidos.

[...] o passado é um espelho escuro e distorcido. Quando olha para ele, você só enxerga a própria dor. Não há espaço nele para a dor de outra pessoa (Shafak, 2020, p. 106).

Além disso, Defne se definia como uma mãe incomum. Sempre proporcionava reflexões à filha, mas tomando o cuidado para evitar questões do passado - o fato de ter desafiado a família ao se relacionar com Kostas, cortando os laços para sempre; ou as vivências dolorosas durante a guerra; e até mesmo o período de escavações em busca de vítimas anos depois.

[...] Em todos os mitos e contos de fadas, uma mulher que rompe com as convenções sociais é sempre punida. E em geral a punição é psicológica, mental (Shafak, 2020, p. 66).

Quando Defne e Kostas se encontram novamente no Chipre e, posteriormente, voltam à Londres juntos, durante os trabalhos de escavação, ele observa que há mais mulheres do que homens fazendo aquele trabalho, ao que ela responde:

É óbvio, não? O que fazemos aqui não tem nada a ver com política nem com poder. Nosso trabalho está centrado na dor... e na memória. E as mulheres são melhores do que os homens em lidar com ambas (Shafak, 2020, p. 203).

Portanto, é possível inferir, a partir da análise da trajetória das mulheres na obra que, a depender do contexto, as respostas serão divergentes. Todas essas reconstituições nas histórias individuais produzem os sujeitos de outro modo, como novos tipos, demonstrando que não se trata do que as tradições fazem dos indivíduos mas, sim, do que eles fazem com as suas tradições - levando em conta que o sujeito sempre está no processo de formação cultural (Hall, 2016, p. 56). À vista disso, essas reformulações geram diferentes impactos na vida do sujeito migrante, que serão abordados no subcapítulo seguinte; focando, especialmente, nas experiências das mulheres na narrativa.

## 2.2 Impactos da migração na vida das personagens

Sob a perspectiva da Trajetória de mulheres na obra, esta seção abordará a consequência da migração para diferentes gerações presentes na narrativa de *A ilha das árvores perdidas*, a saber: Defne, Meryem e Ada. Kathryn Woodward (2012, p. 22), explica que “a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades”. Em relação às migrações, esse processo de dispersão de pessoas ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares. Ainda segundo a autora:

Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras. O conceito de diáspora (Gilroy, 1997) é um dos conceitos que nos permite compreender algumas dessas identidades - identidades que não têm uma “pátria” e que não podem ser simplesmente atribuídas a uma única fonte (Woodward, 2012, p. 22).

Ao analisar o perfil de Defne enquanto imigrante, mesmo levando em consideração que a sua mudança ocorreu um tempo após Kostas, é possível inferir que a arqueóloga nunca conseguiu, de fato, deixar para trás a ilha do Chipre. Estando em Londres, com frequência ela fazia referências à terra natal, lembrando e revivendo a sensação de buscar e escavar vítimas da guerra; além da sensação de opressão que pairava naquele momento, a relação conflituosa com os pais, principalmente quando souberam da relação com Kostas, um grego-ortodoxo. Nesse

entendimento, as consequências da migração foram muito mais significativas para ela do que para o marido. O sentimento de Defne foi traduzido pelas palavras da Figueira no seguinte trecho: “O lugar onde nascemos molda nossa vida, mesmo quando estamos longe dele” (Shafak, 2020, p. 40).

Além da experiência de migração em si, convivendo com as memórias da ilha e com o passado, Defne precisou ressignificar alguns aspectos de sua vida. Em determinado momento da história, a Figueira questiona, inclusive, como é possível determinar o começo da história de alguém se o nascimento não é o único começo, nem a morte é exatamente um fim (Shafak, 2020, p. 61). Essa indefinição também encontra os questionamentos de Hall (2003) ao pensar na migração para outro país, pois o autor argumenta que as nações são comunidades imaginadas e pontua a dificuldade em delimitar fronteiras, quando regionalmente cada uma é cultural e historicamente tão próxima de seus vizinhos, enquanto outros também vivem a milhares de quilômetros de “casa”.

Uma das reformulações vivenciadas por Defne foi o *hibridismo*, definido por Hall (2003) como algo que não significa indivíduos híbridos no sentido de contraste com “tradicional” e “moderno” mas, sim, de um processo de tradução cultural que nunca se completa e permanece sempre em mudança. O hibridismo, com suas “impurezas” e “misturas”, além disso, pode ser visto como transformações que vêm de novas combinações dos seres humanos, culturas, ideias e políticas; e é “como o novo entra no mundo” (Hall apud Rushdie, 2003, p. 34). Ainda sobre o hibridismo, Homi Bhabha (1997) postula o seguinte:

Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou “inerentes” de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a “diferença do outro” revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação (p. 75).

Por outro lado, ao analisar as experiências de Meryem, é possível inferir que a personagem se encaixa no que Hall (2003) define como um indivíduo que permanece profundamente comprometido com as práticas e valores culturais. Ainda ante a perspectiva do autor, os sujeitos, hoje em dia, estão naturalizando cada vez mais uma identificação que seja mista. Meryem apreciava vivenciar as experiências como cidadã londrina, ao passo que não cogitava a possibilidade de abandonar suas raízes e tradições cipriotas, que sempre procurava manifestar de alguma maneira

em sua personalidade, seja com ditos populares, na sua culinária ou até mesmo em suas opiniões pessoais. É por esse motivo que ela vivia em uma deriva entre os dois países. Hall (2003), justifica que “em condições diaspóricas, as pessoas geralmente são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hífenizadas” (p. 76) e, na experiência de Meryem, não parecia conflituoso considerar-se britânica e também cipriota; demonstrando, mais uma vez, como há uma adaptação e aceitação de identificações mistas na contemporaneidade. Isso também explica o seguinte:

Hoje em dia é raro ver algum consenso nacional significativo sobre quaisquer assuntos sociais críticos, sobre os quais há profundas diferenças de opinião e de experiência vivida. As pessoas pertencem a várias “comunidades” sobrepostas que por vezes exercem pressões contrárias (Hall, 2003, p. 79).

Por último, mesmo sem ter migrado, pois seu nascimento foi em Londres, a experiência dos pais também trouxe consequências para a jovem Ada, e a principal delas está relacionada à formação da sua identidade pessoal e cultural. Para Woodward (2012), a redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade, assim como a *representação*:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (Woodward, 2012, p. 18).

O encobrimento de uma parte da história da jovem protagonista se mostrou um incômodo na sua adolescência. A carência dessas representações, que são compreendidas como um processo cultural, estabelecendo identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais elas se baseia (Woodward, 2012), formulam questionamentos que requerem possíveis respostas que Ada não possuía, por não ter contato com essa parte de sua vida. Os questionamentos sugeridos por Woodward são: “Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (2012, p. 18). Além disso, a autora também argumenta que os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e podem falar. É sob essa perspectiva que se baseia a busca de respostas pela adolescente, para esclarecer quais são, afinal, os espaços que ela poderia ocupar de acordo com os diferentes contextos.

Embora possamos nos ver, seguindo o senso comum, como sendo “a mesma pessoa” em todos os nossos diferentes encontros e interações, não

é difícil perceber que somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo (Woodward apud Hall, 2012, p. 31).

“Nós só podemos pensar “dentro de uma tradição”. Contudo, isso só se torna possível “se a própria relação com o passado for concebida como uma recepção crítica”” (Hall apud Laclau, 2003, p. 83); e isso é o que Ada buscou, de modo complexo, desde o início da narrativa, mesmo sendo tão jovem.

Depreende-se, então, que as consequências da experiência migratória são diversas de acordo com a geração que a vivencia e que, inclusive, a carência de respostas para um movimento como esse também pode gerar consequências, como a dificuldade em formular a identidade pessoal e cultural do indivíduo, no caso de Ada. No capítulo três, ainda sob esse viés, será apresentada uma análise mais aprofundada sobre como ocorre o processo de construção de identidades e as possíveis crises, além de inserir um estudo de como as memórias influenciam na construção de identidades culturais.

### 3 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS

*Tantas vezes no passado suspeitava de que carregava dentro de si uma tristeza que não era exatamente dela [...]. Será que também era possível herdar algo tão intangível e imensurável quanto a tristeza?*

**Elif Shafak**

Acerca da lógica de influência da migração na identidade pessoal e cultural de Ada, torna-se pertinente a compreensão de o porquê essas definições são importantes na trajetória de vida de um indivíduo. Neste capítulo, será abordado como se sucede a construção de identidades culturais, além do fenômeno da crise de identidade - que pode ser interpretado como o dilema vivido pela adolescente nos trechos contemporâneos do livro -, assim como a importância da diferença. Além disso, também será retratado o impacto das memórias na construção da identidade cultural. Para Kathryn Woodward,

[...] a identidade marca o encontro do nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação (Woodward apud Rutherford, 2012, p. 19).

Em relação ao conceito de *cultura*, Denys Cuche (2002, p. 143) argumenta que as culturas nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais, pois o contato entre elas ocasiona o jogo de distinção: cada indivíduo procura defender sua especificidade. Sob esse ponto de vista, o autor conclui que não existe uma identidade cultural em si mesma, definível de uma vez por todas. Ele pontua que ao admitir que a identidade é uma construção social, as questões pertinentes em torno dela serão: “Como, por que e por quem, em que momento em que contexto é *produzida, mantida ou questionada* certa identidade particular?” (Cuche, 2002, p. 202). Para mais, Silva (2012) também descreve e propõe reflexões acerca do conceito de identidade, ao encontro dos autores que defendem a sua não-estabilidade.

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade

está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (p. 96-97).

Portanto, ao compreender as influências da migração e da memória na construção da identidade pessoal e cultural, é notório que tais processos são contínuos e frequentemente desafiadores; sendo que a trajetória de Ada exemplifica esse desafio, em que a busca pela história de sua família entra em conflito com a formação da sua identidade. No subcapítulo seguinte, será explorada a questão da crise de identidade e a importância da *diferença* em relação à experiência da adolescente protagonista, que vive uma fase de busca por um sentido de pertencimento e a necessidade de conciliar múltiplas culturas.

### **3.1 Identidade e diferença no percurso da protagonista**

“A identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável, é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (Woodward apud Mercer, 2012, p. 56). É sob essa perspectiva que é possível analisar a experiência de Ada enquanto filha de imigrantes e, em determinado momento da narrativa, a Figueira reflete:

Como era estranho que em famílias marcadas por guerras, por deslocamentos forçados e atos de brutalidade, fossem os mais jovens que parecessem guardar as recordações mais antigas (Shafak, 2022, p. 283).

Nesse sentido, a importância de conhecer o passado familiar era de extrema importância para a garota. Quando Laclau argumenta que “só podemos pensar dentro de uma tradição”, também enfatiza que isso só se torna possível “se a própria relação com o passado for concebida como uma recepção crítica” (Hall apud Laclau, 2003, p. 103). Apesar de toda a superproteção dos pais, o desejo da menina era ir em busca desse passado, podendo tirar suas próprias conclusões.

No final da narrativa, Kostas, o pai, explica um fenômeno que estava ocorrendo com uma árvore durante os seus estudos botânicos: suas raízes estavam crescendo em torno da base do tronco, estrangulando o fluxo de água e nutrientes; porém, ninguém tinha percebido porque não dava para ver, estava acontecendo debaixo da terra. Além disso, se não fossem identificadas a tempo, as raízes começariam a exercer uma pressão sobre a árvore que se tornaria excessiva. Com essa situação, ele realiza uma analogia sobre como encarou, juntamente com a

esposa, as questões relacionadas ao passado e à criação de Ada, algo que não queriam, de forma alguma, transmitir à menina: memórias dolorosas.

[...] Sua mãe te amava muito, mais do que tudo neste mundo. A morte dela não tem nada a ver com falta de amor. Ela florescia e prosperava com o seu amor, e eu gostaria de acreditar que com o meu também, mas, por baixo, algo a estava estrangulando: o passado, a lembrança, as raízes (Shafak, 2022, p. 299).

Entretanto, todos esses assuntos vieram à tona, tornando-se importantes para a constituição da sua identidade pessoal e cultural. Para Woodward (2012), *identidade* e *crise de identidade* são palavras e ideias bastante utilizadas atualmente e parecem ser interpretadas por sociólogos e teóricos como características das sociedades contemporâneas ou da modernidade tardia. Em conformidade com Hall, uma das concepções de identidade cultural é aquela que a vê como uma questão de *redescoberta*: aquilo que não foi vivenciado pelo sujeito também desempenha um papel importante na constituição da identidade. Essa percepção é mais familiar e carrega a ideia de que a identidade provém, em linha reta e contínua, de uma qualquer origem fixa (Hall, 1990), fazendo com que seja possível entender a sua formação. Por outro lado, a identidade também pode ser interpretada, segundo Hall (1990), como uma questão tanto de *tornar-se* quanto de *ser*. Aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados por ela: seriam capazes de posicionar a si próprios e reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum (Woodward apud Hall, 2012, p. 29). Isso significa que, ao reivindicar uma identidade, como no caso da protagonista de *A Ilha das Árvores Perdidas*, ela também está sendo *reconstruída* e, além disso, o passado comum em que ela se baseia e é validada, também sofre transformações. Nesse sentido, Hall argumenta em favor do reconhecimento da identidade, mas não de uma forma rígida, fixa ou homogênea, pois elas estão em constante negociação. Ambas as concepções estão relacionadas às experiências de vida de Ada; provando, novamente, como o conceito de identidade é instável e não é, de modo algum, uma essência fixa, que existe inalterada para além da história e da cultura (Hall, 1990).

Seguindo tal lógica, as crises de identidade também têm a ver com aquilo que Ernesto Laclau (1990) chamou de *deslocamento*, fenômeno que pode ser observado na narrativa em questão tanto por parte dos pais de Ada quanto da própria adolescente. As sociedades modernas, ele argumenta, não têm qualquer núcleo ou

centro determinado que produza identidades fixas; há uma pluralidade de centros. Para o teórico, o lado positivo dessa questão é que há muitos e diferentes lugares a partir dos quais novas identidades podem emergir e a partir dos quais novos sujeitos podem se expressar (Woodward apud Laclau, 2012, p. 40). Todavia, essa diversidade de posições pode dificultar a “separação” de identidades e estabelecer fronteiras entre elas.

Além disso, Silva (2012), explica o conceito de *diferença* como um produto derivado da identidade e ambas são criações sociais e culturais. Para o autor, a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir.

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora (Silva, 2012, p. 82).

Nessa concepção, para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas a sistemas de representação, pois é por meio desses sistemas que a identidade e a diferença adquirem sentido e passam a existir. Representar significa, então, dizer “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. (Silva, 2012). Ao observar as experiências de Ada no enredo, é possível afirmar que sempre houve, para ela, uma carência de representações em relação à sua identidade pessoal e cultural; situação relacionada à privação do seu passado familiar, que gerou sua crise de identidade na adolescência.

Na língua da mãe, seu nome significava “ilha”. Quando era mais nova, achava que era uma referência à Grã-Bretanha, a única ilha que conhecia [...]. Ela havia acrescentado o próprio nome à coleção de palavras não inglesas que guardava consigo, palavras que, embora curiosas e pitorescas, ainda eram distantes e desconhecidas o suficiente para permanecerem impenetráveis, como seixos perfeitos que você pega na praia e leva para casa, mas depois não sabe o que fazer com eles. Ela já tinha uma quantidade considerável delas àquela altura. Algumas expressões também. E canções, melodias alegres. Mas era só isso. Os pais não haviam ensinado a ela sua língua materna, preferindo se comunicar apenas em inglês em casa. Ada não sabia falar nem o grego do pai nem o turco da mãe (Shafak, 2022, p. 23).

Adicionalmente, Stuart Hall (2012) usa o conceito de *identificação* para se retratar à identidade, mas enfatizando que ambos os termos operam “sob rasura”. Para o teórico, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal (Hall, 2012). Novamente, essa lacuna

na vida de Ada dificultou a construção dessa identificação e a solidificação dela como algo sempre “em processo”.

Na seção subsequente, serão interpeladas as relações existentes entre memória e identidade na narrativa, haja vista que ambas desempenham um papel crucial nos movimentos dos personagens, especialmente para Ada enquanto adolescente. As memórias individuais e coletivas são essenciais para enfrentar os traumas do passado e reconstruir a história de vida em um contexto de migração e, na obra, elas são vistas não como uma simples evocação do passado, mas uma recriação contínua que impacta a identidade e a cultura. Ao longo da narrativa, Ada lida com o desconhecimento de suas raízes, enquanto as memórias ocultas de sua família moldam sua busca por identidade. Dessa maneira, essas circunstâncias serão analisadas de forma mais aprofundada no próximo subcapítulo.

### **3.2 Memória e construção de identidade**

Na obra *A Ilha das Árvores Perdidas*, a memória exerce um papel fundamental na formação das identidades dos personagens, especialmente na trajetória de Ada. As memorações são retratadas como um elemento crucial para o enfrentamento dos traumas do passado e reconstrução da história de vida em meio ao contexto de imigração e deslocamento. Ao longo da narrativa, as lembranças individuais e coletivas se entrelaçam, influenciando não apenas ações, mas também a forma como reinterpretem experiências, moldando identidades em um espaço de constantes transformações. Para Maurice Halbwachs (2006), sociólogo francês, a memória sempre tem um fundo social ou coletivo e ninguém pode lembrar-se realmente de algo fora do âmbito da sociedade, pois a evocação das recordações é sempre feita recorrendo ao grupo, seja a família ou outros. O autor entende que os quadros sociais da memória são a combinação entre as lembranças individuais de vários membros de uma mesma sociedade (Halbwachs, 2006).

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 2006, p. 30).

Não somente, Maurice Halbwachs pondera que a memória coletiva não é apenas um fenômeno abstrato, mas está profundamente enraizada em locais

específicos que o grupo social ocupa (Halbwachs, 2006). Sob essa ótica, a interação entre o espaço e grupo social é dinâmica e bidirecional: o grupo transforma o espaço de acordo com seus valores e necessidades, ao mesmo tempo que o espaço molda e preserva a memória coletiva do grupo (Halbwachs, 2006).

No início da narrativa em questão, o leitor tem ciência das angústias de Ada por não conhecer suas raízes cipriotas. Nessa perspectiva, Halbwachs (2006) propõe o conceito de *memória social*, que é uma espécie de memória externa e está conectada a eventos que aconteceram, mas que o indivíduo não viveu, como se fosse uma “memória emprestada”. Sob a mesma ótica, Michael Pollak (1992), sociólogo austríaco, também argumenta, complementando Halbwachs, que os elementos constitutivos da memória são, em primeiro lugar, os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Por conseguinte, há os acontecimentos que ele chama de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vivenciados pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa sente que pertence (Pollak, 1992). No entanto, nem sempre o sujeito participou desses episódios, mas eles têm tamanha importância porque, segundo o autor, é perfeitamente possível que

[...] por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada [...]. Podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação (Pollak, 1992, p. 201).

Ademais, na perspectiva de Halbwachs (2006), a necessidade básica para existir uma rememoração é a lembrança do contexto em que a memória estava inserida, pois nele há algo que revela seu caráter único. Por outro lado, o autor também discute a relação da lembrança com o tempo atual, tendo em vista que o indivíduo lembra daquilo que necessita. Não somente, ainda alinhado à Halbwachs, Pollak (1992, p. 204) expõe que “as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”; no caso da protagonista do livro, a procura era por identificar e compreender as raízes de seu passado. Portanto, para ambos autores, a memória é um fenômeno construído tanto social quanto individualmente e, em se tratando de memória herdada, Pollak (1992) argumenta como ela está relacionada estreitamente ao sentimento de identidade. O sentimento de identidade que o autor adota é o seguinte:

[...] da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria

representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (Pollak, 1992, p. 205).

Dessa forma, a memória é uma base para a identidade e os dois conceitos estão estritamente ligados acerca da ideia de um sujeito social. Além disso, a partir da visão de Pollak, é possível afirmar que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade [...] na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (1992, p. 205). Ainda, para o antropólogo Joël Candau (2011, p. 18), “a memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade”, e tal assertiva pode ser observada na trajetória de Ada, que fora privada de grande parte de suas memórias familiares. Para além, acerca das identidades culturais, Stuart Hall questiona:

Podemos, pois, determinar que a memória é um acúmulo de lembranças? Uma função do passado? Um conhecimento do passado? A organização temporal de um passado individual ou a organização de um passado comum a um número mais ou menos vasto de homens? Uma função ligada à inteligência e ao conhecimento, uma repetição, uma imitação? Certamente que não. Migratória em sua essência, a memória não pode ser considerada como uma evocação literal do passado, mas antes, uma reaproximação, ou melhor, uma recriação do vivido (Hall, 2006, p. 76).

Ante essa perspectiva, é possível afirmar que identidade e cultura formam um ciclo interdependente no qual o indivíduo, seja ele parte de um grupo ou agindo de forma isolada, ocupa uma posição central e fundamental tanto para a construção quanto para a sustentação de sua existência social, ao mesmo tempo em que depende da identidade e da cultura para preservar seu papel na sociedade e contribuir ativamente para a sua continuidade. Para isso, recorre às lembranças de um passado que carrega em sua memória; essa que foi transmitida ao longo do tempo, contribuindo para a formação de sua identidade e para a preservação da história do grupo ao qual pertence (Hall, 2006).

Nesse sentido, a memória que os indivíduos carregam pode provocar a falta de identidade, o total esquecimento de um passado vivido e a perda de acontecimentos significativos que tiveram o potencial de transformar uma vida ou a sociedade. Ela desempenha um papel fundamental ao garantir que as futuras gerações não sejam prejudicadas pelo desconhecimento de suas raízes e é um componente crucial na formação da identidade pessoal e cultural, assim como a questão central em que permeia o enredo da obra de Elif Shafak. Para o historiador

Alistair Thomson, a memória “gira em torno da relação passado-presente e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências relembradas” (1997, p. 57).

No quarto e último capítulo, serão analisadas as diferentes representações memorialísticas presentes na obra *A Ilha das Árvores Perdidas*, focando nas memórias fragmentadas de Ada e no encerramento de sua trajetória de escavação do passado, em que é possível prenunciar o futuro reafirmando a sua identidade. Além disso, também serão evidenciadas as memórias seletivas de Kostas e a canalização de seu sofrimento na natureza, bem como o silêncio de Defne e o papel simbólico da Figueira como testemunha dos traumas vivenciados.

#### 4 RECONCILIAÇÃO COM O PASSADO

*A mente humana é um dos lugares mais estranhos, ao mesmo tempo lar e exílio.*

**Elif Shafak**

À vista dos estudos apresentados até o momento, é compreensível como as expressões memorialísticas na obra *A Ilha das Árvores Perdidas* revelam a forma que as memórias individuais e coletivas, o silêncio e o não-dito afetam profundamente as relações familiares e a construção da identidade, especialmente em contextos migratórios e diaspóricos. A narrativa de Shafak é uma exploração dessas tensões entre lembrar e esquecer e como essas escolhas afetam as gerações subsequentes. Nesse sentido, Pollak (1992) argumenta que a memória é *seletiva* e é um *fenômeno construído*; além disso, ele explica que tanto a memória quanto a identidade podem ser perfeitamente negociados e também são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais. Por exemplo, o autor expõe que todos sabem “até que ponto a memória familiar pode ser fonte de conflitos entre pessoas” (Pollak, 1992, p. 205). Então, é ante essa perspectiva que se torna possível interpretar a trajetória tanto de Ada quanto de seus pais, Defne e Kostas.

[...] Sabemos que a memória, bem como o sentimento de identidade em uma comunidade herdada, constituem um ponto importante na disputa pelos valores familiares, um ponto focal na vida das pessoas (Pollak, 1992, p. 205).

Para mais, no entendimento de Pollak (1992), quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas e “amarradas”, os questionamentos vindos de grupos externos ou problemas colocados pelos outros não chegam a provocar a necessidade de reorganizações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual (p. 207). “Quando a memória e a identidade trabalham por si sós, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjunturas ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade” (Pollak, 1992, p. 207). No entanto, ao observar o enredo da obra em questão, é possível inferir que as questões de memória e identidade, tanto para a geração anterior quanto para a sucessora, não estão tão bem estabelecidas a ponto de não gerarem questionamentos ou reformulações.

Portanto, é a partir dessas questões que se estruturam as próximas duas sessões do capítulo: uma análise das memórias de Ada que, enquanto adolescente, lida com as consequências do silêncio e do trauma familiar, incorporando para si memórias que não são próprias: são herdadas, nebulosas e fragmentadas, mas que, no fim das contas, culminam em sua reconciliação com o passado. Além disso, também será explorada a perspectiva de Kostas acerca das memórias, em que há uma maior seletividade em suas lembranças quando escolhe refugiar-se no trabalho como botânico para evitar lembranças dolorosas. Também serão examinadas as memórias silenciadas de Defne que, antes de seu falecimento, carregava o peso do segredo e do trauma, optando por não compartilhar com a filha muitos aspectos do seu passado com Kostas, permeado por lembranças traumáticas da guerra civil. Para mais, será analisado, ainda, o papel simbólico da Figueira na narrativa, como uma testemunha silenciosa dos eventos traumáticos que moldaram a vida dos personagens.

#### **4.1 A natureza como repositório de memórias**

No enredo da obra, Kostas, assim como Defne, é um sobrevivente de um contexto de guerra, segregação étnica e perda, o que fez com que suas vivências no Chipre reconstruíssem a sua personalidade e visão de mundo. Aqui, o silêncio se torna uma forma de lidar com diversas angústias sem ter que confrontá-las diretamente: os traumas do passado, o sofrimento pelo falecimento da esposa e a falta de intimidade com a filha. Nesse sentido, para ele, a natureza se torna um verdadeiro repositório de memórias onde, em seu trabalho como botânico, ele encontra uma forma de se reconectar com a vida e com a natureza para além dos sofrimentos humanos.

[...] O pai não pretendia ir a lugar algum. Tinha que trabalhar. Ele sempre tinha que trabalhar. Era um viciado em trabalho incurável - qualquer um que o conhecesse confirmaria -, mas, desde a morte da mãe de Ada, ele havia se refugiado em suas pesquisas como um animal se escondendo na toca em busca de segurança e calor (Shafak, 2020, p. 20).

Por outro lado, em muitos momentos ele também sentia que talvez estivesse colocando sua atenção à natureza em detrimento das suas relações interpessoais. As árvores, em particular, assumem uma grande importância em sua vida por serem um símbolo de continuidade e resiliência, algo que, para ele, era difícil visualizar nas

relações humanas, tendo em vista todos os conflitos, dores e separações que foi sofrendo ao longo de sua vida.

Desde menino, as árvores lhe ofereciam consolo, eram um santuário próprio, ele percebia a vida através das cores e da densidade dos galhos e folhagens delas. No entanto, sua profunda admiração pelas plantas também o afligia com um estranho sentimento de culpa, como se, ao prestar tanta atenção à natureza, estivesse negligenciando algo, se não mais crucial, pelo menos igualmente urgente e imperioso: o sofrimento humano (Shafak, 2020, p. 291).

Ante essa perspectiva, a Figueira, que aparece repetidamente na narrativa, similar a um coro nas tragédias gregas, é um elo direto com o passado no Chipre, já que ela foi trazida pelos pais de Ada. Mesmo tendo sobrevivido ao inverno londrino, quem ela é está intrinsecamente ligado a essa pequena ilha no Mediterrâneo. Apesar disso, Kostas encontra nela uma ordem e harmonia que faltam na vida marcada por conflitos entre humanos. As plantas, ao contrário das pessoas, não têm divisões étnicas ou religiosas, e essa simplicidade natural oferece ao botânico um refúgio e desperta uma grande admiração, pois árvores como essa são, para ele, testemunhas silenciosas do tempo e da história, fazendo com que persistam em vida além das fronteiras e conflitos. Assim, a perspectiva da Figueira é esclarecedora e é onde Kostas encontra consolo:

O tempo humano é linear, um *continuum* que vai de um passado que se supõe que esteja encerrado e resolvido em direção a um futuro considerado intocado, imaculado [...]. O tempo arbóreo é cíclico, recorrente, perene; o passado e o futuro respiram no mesmo momento, e o presente não flui necessariamente em uma única direção; em vez disso, traça círculos dentro de círculos, como os anéis que encontram quando nos cortam [...] (Shafak, 2020, p. 53).

Além disso, Kostas sempre se referiu à Figueira no gênero feminino, pois explica que a *Ficus carica* é fêmea e é de uma variedade partenocárpica, o que significa que ela pode produzir frutos sozinha, sem precisar de uma árvore masculina por perto (Shafak, 2020, p. 47).

Em relação às memórias de Defne, à primeira vista, podem ser interpretadas como sendo marcadas pelo silêncio, já que a sua presença na narrativa ocorre, principalmente, por meio das lembranças dos outros personagens: sua filha, marido e irmã. Apesar disso, sua presença é importante e permeia a narrativa do início ao final. Ela carregava um vasto repertório de memórias dolorosas que remontam à sua juventude na ilha - viveu a guerra civil, os conflitos entre gregos, turcos e cipriotas e a separação forçada de Kostas devido às tensões étnicas. Mesmo tentando se

distanciar de tudo isso após migrar para Londres alguns anos mais tarde, essas memórias, impregnadas de perda e violência, formam um pano de fundo constante em sua vida, reverberando em suas emoções, decisões e na sua saúde mental.

Quando Defne a puxou para si para abraçá-la, Ada sentiu todo o corpo tensionar. Ela se curvou, como se estivesse sendo esmagada por algo invisível o qual não tinha nome. Naquele momento, sentiu o cheiro de álcool no hálito da mãe. Não se parecia com o vinho que os pais pediam quando todos iam a um bom restaurante nem com o champanhe que tomavam quando comemoravam com os amigos. Era diferente: acre, metálico. Cheirava a tristeza (Shafak, 2020, p. 107).

Infelizmente, as experiências traumáticas vividas por ela culminaram em seu falecimento, que não ocorre durante a narrativa em si, mas é revelado aos poucos, por meio de fragmentos de memória e diálogos. Para Ada, esse acontecimento foi o estopim de uma crise emocional e identitária, e também foi o catalisador para a revelação do passado que foi silenciado por tanto tempo. Ainda, no final da narrativa, a Figueira, testemunha silenciosa dos acontecimentos de tantos anos, é revelada como sendo a própria Defne. Ao longo da trama, as falas dessa narradora-personagem vão se tornando cada vez mais pessoais em relação à Ada, Kostas e Meryem, dando a entender que o seu processo de transmutação estava ocorrendo.

Depois que morri e o vazio me engoliu inteira, como uma enorme boca bocejando, flutuei sem rumo por um tempo. Vi a mim mesma deitada na cama do hospital onde ficara em coma, e sabia que era triste, mas não conseguia sentir o que sabia [...]. Eu não estava pronta para deixá-los. Tampouco era capaz de me mudar, mais uma vez. Eu queria continuar ancorada no amor, a única coisa que os humanos ainda não conseguiram destruir. Mas onde eu poderia residir agora que não estava mais viva e me faltava um corpo, uma concha, uma forma? E então eu soube. Na velha figueira! Onde mais buscar refúgio senão no abraço arbóreo dela? (Shafak, 2020. p. 306).

Em diversos momentos, a jovem Ada relata que sente a presença da Figueira ou tem a impressão de que está sendo acompanhada por ela, principalmente depois que ela tem consciência de como essa árvore foi levada até Londres: seus pais se conheceram em uma taberna denominada *Figueira Feliz*, no Chipre, onde cresceu através de um buraco no telhado que foi aberto especificamente para ela. Com o advento da guerra, o estabelecimento foi bombardeado e a árvore incendiada; porém, Kostas, apegado a tudo que ela representava para si, conseguiu extrair uma estaca com a esperança de plantá-la em Londres.

Muito tempo depois que a ilha foi dividida e a taberna caiu em ruínas, Kostas Kazantzakis pegou uma estaca de um de meus galhos e a colocou em sua mala. Acho que sempre serei grata a ele por isso, caso contrário, nenhuma parte de mim teria sobrevivido. Porque eu estava morrendo, a

árvore que fui no Chipre. Mas a estaca que também era eu acabou sobrevivendo [...] cresceu até se transformar em um clone, geneticamente idêntico. E desse clone eu brotei em minha nova casa em Londres (Shafak, 2020, p. 61).

De certa forma, o processo de deslocamento e migração da família é acompanhado pelo da Figueira, que também depreendeu grande esforço para se adaptar e prosperar em Londres; tanto que, apenas sete anos depois do seu “exílio” ela passou a dar frutos novamente. Sob essa ótica, tendo em vista a importância da natureza - manifestada na Figueira - em relação às representações memorialísticas de Kostas e Defne, o último subcapítulo irá analisar como esse ciclo se encerra para Ada que, a partir de todas as suas vivências, inicia seu processo de reconciliação com o passado.

#### **4.2 Metamorfose da protagonista**

A personagem Ada, em *A Ilha das Árvores Perdidas*, é a protagonista dos trechos contemporâneos do livro, que se passam nos anos de 2010. Mesmo tendo nascido e crescido em Londres, na adolescência ela passou a sentir a importância da compreensão de suas raízes cipriotas para a formação de sua identidade. Sob esse viés, é possível inferir que a jovem possui uma relação indireta com o passado e as memórias da ilha do Chipre. O não-dito em relação a esse tempo remoto, assim como o sofrimento pelo falecimento de sua mãe, Defne, e o distanciamento emocional do pai, Kostas, afetam significativamente o seu entendimento de si mesma, gerando uma crise de identidade e de pertencimento. A ausência de diálogo com seus pais sobre suas origens e os eventos traumáticos que moldaram suas vidas acarretaram em inúmeros questionamentos e busca por respostas na menina.

Nesse entendimento, Halbwachs (2006) intitula como *mediadores* aqueles que são responsáveis pela manutenção de uma identidade grupal; eles transmitem a história de um passado vivido e experimentado. Para o autor, transmitir uma história, sobretudo a história familiar, é transmitir uma mensagem que se refere à individualidade da memória afetiva de cada família e à memória da sociedade de maneira mais ampla, expressando a importância e permanência do valor da instituição familiar (Halbwachs, 2006). Porém, ao analisar o papel dos pais de Ada quanto mediadores de sua história familiar, é nítido como o silenciamento é uma

barreira para o acesso às suas raízes, ao passo que também é uma força que a impulsiona a buscar respostas, fazendo com que a personagem oscile entre o desconhecimento de sua herança cultural e o desejo de encontrar um lugar que possa chamar de seu. Portanto, a falta de comunicação direta sobre os eventos traumáticos vividos pelos pais na guerra civil, mantém Ada à margem da narrativa de sua própria família, embora sempre busque, nas entrelinhas, compreender essas questões de alguma forma, seja questionando o pai, a tia, ou por meio de reflexões próprias. No trecho a seguir, dialogando com seu pai, Ada demonstra ter um esclarecimento nítido das respostas que busca:

[...] - Sua mãe adorava borboletas - afirmou Kostas [...]. - Olha, não sou especialista em borboletas, mas acho plausível que elas planejem seus movimentos para além de seu tempo de vida, não apenas o período de uma geração, mas de muitas.

- Eu gosto disso. Também meio que explica o que aconteceu com a gente. Você e mamãe se mudaram para este país, mas ainda estamos migrando.

[...]

- Por que você diz isso? Não vamos a lugar nenhum. Você nasceu e cresceu aqui. Aqui é o seu lar. Você é britânica, com uma ascendência mista, o que é uma grande riqueza [...]. Nós sempre tratamos você como um ser independente, não como uma extensão de nós mesmos. Você vai construir seu próprio futuro, e eu vou apoiá-la em cada passo. Por que a obsessão com o passado?

- Obsessão? Eu já carrego esse fardo...

[...]

- Você não vê problema em acreditar que as borboletas jovens herdam as migrações de seus ancestrais, mas quando se trata da sua própria família, acha que não é possível (Shafak, 2020, p. 145-146).

No fragmento acima, é possível identificar a resistência de Kostas ao tocar em assuntos do passado, mas também a naturalidade com que associa esses eventos à natureza - elemento também abordado no subcapítulo anterior. Além disso, a simbologia das borboletas surge novamente permeando a história, servindo como um lembrete de que, apesar das dificuldades e do sofrimento, a possibilidade de renovação permanece sempre presente, pois elas podem ser vistas como um símbolo de transformação e metamorfose; fragilidade, resiliência, migração e necessidade de manter memórias vivas e esclarecidas.

Após o falecimento da mãe, Ada e o pai viveram um longo período de distanciamento emocional até o surgimento de Meryem, irmã de Defne. Como já mencionado anteriormente, a presença da tia é uma conexão essencial ao passado e traz muitas respostas para Ada. Em determinado momento da narrativa, a menina insiste respostas à tia:

[...] - Meu pai diz que as árvores são capazes de se lembrar e que às vezes as árvores jovens têm uma espécie de “memória armazenada”, como se soubessem dos traumas pelos quais os ancestrais passaram. Isso é uma coisa boa, segundo ele, porque assim as mudas conseguem se adaptar melhor.

- Não entendo muito de árvores - comentou Meryem, considerando a ideia. - Mas garotas da sua idade não deveriam se preocupar com essas coisas. A tristeza é para a alma o que um verme é para a madeira.

[...]

- Digamos que a história seja feia, o que isso tem a ver com você? - disse Meryem [...]. Não é um problema seu. Minha geração estragou tudo. Sua geração tem sorte. Você não vai acordar um dia com uma fronteira bem na frente da sua casa nem precisa se preocupar com a possibilidade de seu pai ser morto a tiros na rua apenas por causa da etnia ou religião dele. Como eu gostaria de ter a sua idade agora [...]. (Shafak, 2020, p. 160-161).

Nesse trecho, mesmo em se tratando das memórias das árvores, Ada parece compreender que é um processo muito semelhante ao vivido por ela. Nessa perspectiva, o silêncio afeta não apenas a constituição de sua identidade e adaptação aos contextos vividos, mas também pode ser apreendido como um padrão que é repassado de geração para geração, em que os traumas e segredos não são verbalizados. De maneira análoga ao processo das árvores, seu grande questionamento parece ser de que forma é possível se encontrar no “limbo” da diáspora, esse local em que não é possível se identificar com nenhuma das culturas, britânica ou cipriota, onde esse vazio de narrativas familiares a impossibilita de estabelecer uma identidade pessoal e cultural. A partir disso, retomando os estudos de Halbwachs (2006), é reiterada a importância do grupo familiar como referência para a reconstrução do passado, ao passo que a família é, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas. No entanto, no caso da protagonista, há essa impossibilidade de rememorações no convívio familiar, que foi restringido por eles próprios. Nessa lógica da importância da *verdade* enquanto um fator determinante para a compreensão de heranças memorialísticas de uma família, a Figueira novamente expõe o seu ponto de vista:

A verdade é um rizoma - o caule subterrâneo de uma planta com brotos laterais. É preciso cavar fundo para alcançá-lo e, uma vez desenterrado, é preciso tratá-lo com respeito (Shafak, 2020, p. 172).

Finalmente, quase como um encerramento da trajetória de busca por respostas, Ada convida a tia para ser a sua entrevistada no trabalho escolar de férias que, de certa forma, foi o ponto de partida para toda a sua jornada de redescobertas. No decorrer da conversa, Ada acessa memórias íntimas da tia em

relação à sua infância, despertando um sentimento de compreensão, mas que não diminuiu os seus questionamentos.

[...] - Você teve uma infância feliz?

[...] - Minha infância se divide em duas partes. A primeira foi feliz [...]. - As coisas mudaram, dava para sentir no ar. Antes costumávamos dizer que gregos e turcos eram unha e carne. Não dá para separar a unha da carne. Pelo menos era o que parecia, mas todos estavam errados. Unha e carne podiam ser separados. A guerra é uma coisa terrível. Todas as guerras. Mas as guerras civis talvez sejam as piores, quando velhos vizinhos se tornam novos inimigos [...].

Ada escutou atentamente enquanto Meryem lhe falava sobre a ilha [...] como, depois da partição, havia sacos de areia e postos de guarda nas ruas onde antes brincavam e passavam o tempo; e como as crianças nas ruas conversavam com os soldados irlandeses, canadenses, suecos, dinamarqueses, aceitando as tropas da ONU como parte inevitável do cotidiano... [...] (Shafak, 2020, p. 281).

Nesse processo, Meryem acessava memórias difíceis, mas também ajudava Ada a compreender as suas origens: estava falando de onde ela vinha. A tia, até então, era a única pessoa do seu convívio disposta a revisitar o passado e compartilhar suas histórias com a sobrinha, desempenhando o papel de alguém que quebra com um ciclo de silêncio, fornecendo informações e contexto que a adolescente nunca teve acesso. Ao fazer isso, a tia oferece à sobrinha as respostas que ela buscava sobre suas origens, sobre a mãe e o que realmente aconteceu no Chipre. Dessa forma, Ada começa finalmente a entender os traumas que marcaram a sua família e, assim, lidar com os seus próprios sentimentos de perda e desorientação, reconstruindo a sua identidade de forma mais íntegra.

[...] - Eu meio que entendo por que meus parentes mais velhos acharam difícil aceitar o casamento dos meus pais. Era outra geração. Imagino que todos tenham passado por muita coisa. O que não entendo é por que meus próprios pais nunca falaram sobre o passado, mesmo depois de se mudarem para a Inglaterra. Por que o silêncio?

- Não sei ao certo se posso responder isso - disse Meryem [...].

- Experimente [...]. A propósito, isso não é para a escola. É para mim (Shafak, 2020, p. 282).

Portanto, em última análise, Meryem é uma ponte que conecta o passado familiar e cultural ao futuro de Ada. Ela não apenas traz à tona histórias que foram suprimidas, mas também oferece a possibilidade de reconciliação com esse passado, ajudando Ada a integrar essas memórias à própria identidade. Sua função é vital para que a jovem possa compreender a complexidade das experiências migratórias e dos traumas herdados, além de permitir que ela comece a construir uma nova narrativa pessoal que inclua, de forma consciente, as raízes culturais e

familiares que ela desconhecia. Mais do que isso, a tia possibilitou o início de uma reconexão entre pai e filha, que foi perdida devido ao sentimento de luto que perdurou por vários meses após uma perda tão significativa em suas vidas. Assim como uma borboleta, Ada e sua família experimentaram ciclos de mudança, cada um a seu modo, e enfrentaram processos de metamorfose emocional e psicológica ao longo da história, movendo-se entre fases de dor, silêncio e, finalmente, revelações. Mesmo diante do trauma, do silêncio familiar e da ausência de respostas sobre seu passado, Ada, como uma borboleta, procura encontrar o seu caminho e subverter suas experiências em uma transformação pessoal.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema que motivou a pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso centrou-se na análise de como as memórias constituem identidades na obra *A Ilha das Árvores Perdidas*, de Elif Shafak. O objetivo geral foi investigar os efeitos das memórias pessoais e coletivas e seu papel na construção de identidades, com ênfase na identidade cultural. Nesse sentido, o primeiro objetivo específico foi atingido no desenvolvimento do segundo capítulo, que abordou o contexto migratório da narrativa, com o intuito de compreender as motivações para a migração e como esse processo se desenrolou no enredo, adotando, principalmente, a perspectiva de Hall (2016). Além disso, o objetivo de analisar a trajetória das mulheres na obra, como a jovem Ada, que busca resgatar as raízes do seu passado; sua tia Meryem, que atua como elo entre o passado e o presente; e sua mãe, Defne, que sempre se mostrou uma figura materna "incomum", foi alcançado na redação do terceiro capítulo, constatando-se que, dependendo do contexto e da geração, as respostas ao deslocamento, tanto geográfico quanto emocional, são divergentes. O capítulo finaliza com a análise dos impactos da migração na vida das personagens, introduzindo as abordagens de Woodward (2012), que explicam como esse processo gera identidades plurais e frequentemente contestadas. A falta de respostas sobre tais movimentos, como no caso de Ada, pode acarretar consequências importantes na formulação de uma identidade cultural e pessoal.

No terceiro capítulo, o objetivo específico seguinte foi tangido com a discussão do processo de construção da identidade cultural, além da crise de identidade vivenciada pela protagonista. Sob essa ótica, também se explorou a importância da diferença cultural para Ada que, ao viver uma fase de busca por pertencimento, se deparou com a necessidade de conciliar múltiplas culturas. Observando suas experiências no enredo, foi possível afirmar que houve uma lacuna representacional em relação à sua identidade cultural, causada pelo silenciamento das memórias, o que culminou na crise de identidade na adolescência. Ao final, enfatizou-se a importância da memória na constituição de identidades, com base principalmente nas concepções de Halbwachs (2006) e Pollak (1992) sobre memórias coletivas, individuais e familiares. Constatou-se que a memória é fundamental para a identidade, e os dois conceitos estão intimamente

ligados ao refletir sobre o sujeito social, uma vez que as memórias garantem às futuras gerações o conhecimento de suas raízes.

O quarto e último capítulo abordou as diferentes representações memorialísticas presentes na obra, incluindo a reconciliação de Ada com seu passado, após uma longa trajetória de "escavação" das suas raízes, concluindo o último objetivo específico. Foram exploradas também as experiências de Kostas, o pai, que encontra na natureza e no trabalho de botânico um repositório de memórias, canalizando seus sofrimentos relacionados ao passado, à perda da esposa e à dificuldade de relacionamento com a filha. As memórias de sua mãe, Defne, são analisadas a partir da perspectiva do silenciamento, já que ela permanece na narrativa principalmente por meio das memórias de outras personagens, em fragmentos e diálogos. O ciclo se fecha para Ada, com a presença de sua tia, que quebra o silêncio e fornece informações essenciais que a adolescente nunca teve acesso. Isso permite que Ada finalmente compreenda os traumas que marcaram sua família e passe a lidar com seus sentimentos de perda e desorientação, rumo à reconstrução de uma identidade mais íntegra.

Por fim, o potencial de continuidade desta pesquisa poderia se desdobrar na análise da perspectiva da Figueira narradora-personagem, uma vez que a sua presença é marcante na obra. A árvore observa e reflete sobre os acontecimentos que vivenciou ao longo da história — como os eventos da guerra e sua própria migração do Chipre para Londres — utilizando uma voz poética e sábia, evocando a natureza não como um cenário estático, mas como uma força que influencia a vida das pessoas. Essa personificação confere à árvore a capacidade de pensar e sentir, introduzindo conceitos históricos e abordagens identitárias de maneira acessível ao leitor. Além disso, a simbologia das borboletas pode ser uma linha de pesquisa interessante, pois suas múltiplas interpretações, especialmente no que tange às transformações e renascimentos, se relacionam com as metamorfoses que foram vivenciadas pelas personagens; essas que, ao experimentar deslocamentos e perdas, estão em um processo de constante transformação para encontrar novas formas viver e preservando suas identidades.

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CUCHE, Denys. *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Rio de Janeiro: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart; SOVIK, Liv. *Diásporas, ou a lógica da tradução cultural*. v. 10. n. 3. São Paulo: Matrizes, 2016.
- HALL, Stuart; SOVIK, Liv. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural e diáspora*. Comunicação & Cultura, n. 1. 2006, pág. 21-35.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Unicamp, 1996.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos. v. 5. n. 10. Rio de Janeiro: 1992, p. 200-212.
- SHAFAK, Elif. *A ilha das árvores perdidas*. Trad: Marina Vargas. Harper Collins, 2022.
- SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias*. Projeto História, São Paulo: n. 15, 1997.
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.